

EXPRESSÕES VIRTUAIS DA DOR: Notas sobre as manifestações de luto na internet

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de
Mestre
UFSM
milena.freire@terra.com.br

RESUMO

O texto reflete sobre representações do luto na cibercultura e busca compreender como as especificidades da Internet enquanto ambiente comunicacional colaboram com as (re)significações culturais e sociais sobre a morte. As análises são divididas entre manifestações que revelam uma relação próxima entre enlutado e falecido e demonstrações de luto para mortes de desconhecidos. Como conclusão, sugere a observação da interferência mútua entre os signos culturais sobre a morte circulantes na Internet e aqueles produzidos fora dela.

Palavras-chave: Luto. Cibercultura. Comunicação.

Observar a comunicação como elemento constitutivo da cultura, nos tempos atuais, tem sido cada vez mais um exercício exigente e complexo. Isso porque, ao considerar a constante reorganização e intercâmbio de sentidos existentes pela exposição múltipla de códigos culturais, através dos diversos processos de comunicação possíveis, temos em vista a participação dos media na concepção de sujeito e sociedade contemporâneos.

Neste passo, ao conceber a comunicação como campo social em que se possibilita investigar a constituição de saberes sobre e para a sociedade, não é difícil vislumbrar a importância de eleger como foco deste ensaio a atuação e a interferência das novas tecnologias da comunicação na elaboração de sensibilidades, códigos e construções culturais que compõem o tecido social.

Não são recentes as reflexões que apontam as transformações da vida social em todos os seus aspectos a partir da influência das novas tecnologias da informação e da comunicação. Contudo, ao aproximar as técnicas dos processos socioculturais é preciso cautela para não cometer o tropeço de sobrepor o papel dos meios ao dos códigos fundantes da cultura que neles se reestruturam e circulam:

(...) não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 24).

No momento em que desperto o olhar para estes signos circulantes e sua relação com os meios, proponho pensar na participação destes novos ambientes socioculturais na constituição das sensibilidades coletivas e na formação do sujeito contemporâneo. Para isso, é inevitável apontar a cibercultura como objeto privilegiado neste campo de observação, que está diretamente ligado às novas tecnologias da comunicação. Por definição, a noção de cibercultura aqui trabalhada é a sintetizada por André Lemos (2003) como cultura contemporânea, marcada pela apropriação

social-midiática da técnica, que, por sua vez, permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo.

Isso significa que se apresentam aos nossos olhos novas formas de ser e habitar o espaço social: modos plurais e singulares de se perceber a si, ao outro e ao mundo, proporcionados especialmente pela ressignificação do tempo e do espaço através das novas ferramentas de comunicação. É importante salientar, neste ponto, que a consideração sobre novas formas de ação proporcionadas pelas mídias contemporâneas, sendo o exemplo privilegiado desta proposta a Internet, não desconsidera as construções midiáticas anteriores e suas relações. Ao contrário: não se trata de pensar em substituição, ou ruptura, mas em uma reordenação das mídias e de suas relações com o social, tal como sugere André Lemos (2003, p. 19): “Em suas várias expressões da cibercultura trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes”.

Tendo em mente a proposta de refletir sobre as intersecções entre cultura, homem e sociedade, desenhadas e reordenadas a partir dos processos midiáticos, trago como eixo central para esta observação significações da morte circulantes na Internet. A escolha da morte como objeto de investigação se dá por se tratar de uma relação conflituosa, e, por isso mesmo, extremamente importante para o exercício reflexivo sobre o homem, a cultura e a comunicação. A finitude humana, aliás, há muito é tida como elemento fundamental para compreensão do próprio homem como ser de cultura, que a partir da certeza de seu fim orienta sua conduta, suas normas, sua vivência em grupo (MORIN, 1997, p. 10).

Neste sentido, debruçar-se sobre as formas de representação da morte na cibercultura busca compreender como as especificidades das novas tecnologias, em particular da Internet, colaboram com as (re)significações culturais e sociais sobre o tempo finito a ser vivido pelos sujeitos, com todas as implicações individuais e coletivas que esta certeza carrega. Esta possibilidade de enxergar na morte, em especial na ‘morte midiática’, aspectos estruturantes do homem e da cultura atuais, considera em essencial a construção, nos meios, de um discurso que fala sobre e para a sociedade. “A mídia, portanto, explora aspectos fundamentais de como o homem contemporâneo coloca-se diante da morte e através das encenações de sentido que produz pode-se reconstruir cenários de significação do mundo contemporâneo” (BARBOSA, 2004, p. 14).

Em princípio, é prudente também esclarecer que as idéias que estimulam esta reflexão em nenhum momento consideram uma desconexão entre as representações sobre a morte construídas e circulantes na Internet e aquelas que existem anteriormente e concomitantemente nas rotinas dos ambientes socioculturais não-

virtuais. Dito isto, reforço a noção de que a cibercultura, para além dos aparatos técnicos que são estruturantes para sua existência, é (como toda cultura) essencialmente humana. Justamente por isso, o “virtual que ocorre na Internet depende, fundamentalmente, do tipo de comunicação experimentado pelos homens que operam esses computadores” (JUNGBLUT, 2004, p. 102).

O que quero apontar, ao fazer tal ressalva, é a necessidade de manter a idéia de interferência mútua entre os signos culturais sobre a morte circulantes na Internet e aqueles produzidos fora dela. Isso possibilita que o objetivo da análise se concentre, de fato, em perceber como se reordenam tais representações sobre a finitude humana na cibercultura, através das inovações proporcionadas nestes novos processos de comunicação construídos no ambiente virtual.

A inscrição da morte na cibercultura torna-se um objeto ainda mais especial, a meu ver, a partir da modificação das lógicas de “emissor e receptor” até então evidenciadas nos estudos da comunicação. Como é intrínseco da estrutura midiática e das práticas que constroem os sentidos circulantes na Internet, ali, no ambiente virtual, o indivíduo tanto emite como recebe os códigos que se inscrevem e configuram a cibercultura. Falamos então de sentidos sobre a morte que se elaboram a partir de representações que dialogam (num sentido mais amplo do termo) e que, por isso, podem se reestruturar mutuamente.

A liberação do pólo de emissão é que possibilita, então, a emergência e a multiplicidade de vozes no processo comunicacional e marca novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e do movimento social na rede (LEMOS, 2003). Se, neste contexto da cibercultura, apresento a inquietação do olhar sobre as representações da morte, entendo que o recorte mais coerente para privilegiar a diversidade de vozes que constroem estas significações nos processos de comunicação online está nas manifestações de luto. Afinal, enxergando mais detalhadamente o estado de luto, é possível afirmar que esta é a experiência mais próxima que o homem tem com a morte - uma vez que a própria morte não pode ser experimentada, nem sequer descrita, pelos sobreviventes. Assim, é a partir da condição de enlutado que o indivíduo - além de vivenciar a dor da perda - passa a notar mais nitidamente a sua própria condição de mortal.

Um primeiro ponto que enriquece este objeto de análise está na construção de maneiras incontáveis e distintas de evidenciar-se (e, por isso, de se expor, de se comunicar) como um sujeito enlutado na cibercultura. Muito além das manifestações tradicionais em que o indivíduo falecido é alguém próximo, no ambiente virtual é possível que a mensagem de luto se manifeste por alguém que o emissor, até o

momento da exposição da condolência, não tenha nenhuma noção de quem seja, nem mesmo conheça sua família, ou saiba das condições exatas daquela morte.

Assim, tendo em vista o caráter inesgotável de diferenciação quanto às manifestações de luto na Internet, não coloco como intenção deste texto identificar padrões ou comportamentos predominantes. A idéia é sugerir um percurso que evidencie a diversidade de representações e sentidos atribuídos à morte, através das manifestações de luto, no ambiente virtual. Desta forma, com a intenção de facilitar a clareza e o recorte cultural da análise, tomo como base manifestações de luto expressas em sites brasileiros e/ou por usuários brasileiros. E ainda, na tentativa de limitar o foco do ensaio, divido as considerações entre as manifestações que revelam uma relação mais íntima entre enlutado e falecido e as demonstrações de luto para mortes que se tornam públicas pelas características de ampla exposição e conexão social propiciadas pela cibercultura.

Considerando que o velório é um dos primeiros ritos de passagem após a morte, cujo sentido se constrói no compartilhamento da dor dos enlutados e na redenção de homenagens à memória do falecido, é possível compreender a importância das relações sociais e expressões de condolência na fundamentação deste ritual. E, embora o velório apresente alterações de acordo com os grupos, períodos históricos, construções simbólicas e religiosas, uma característica se mantém de maneira quase uniforme: a reunião dos entes em torno do falecido - o que, obviamente, exigiria a presença física dos personagens num local e momento específicos.

A transposição desse ritual para a Internet se soma a uma série de outras manifestações do luto expressas na cibercultura. No Brasil, o velório virtual foi introduzido em 2000 pelo Grupo Vila¹ e hoje já está disponível na web por empresas sediadas em diversos estados do país. O serviço consiste na instalação de web câmeras nas salas de velório que transmitem imagens ao vivo da cerimônia via Internet, e ainda disponibiliza aos usuários um espaço para manifestação de condolências aos familiares.

A transmissão do velório online, em si, estimula o debate sobre os limites e os conceitos do que vem a ser público e privado no ambiente virtual. Nos moldes tradicionais, o desconforto gerado pela morte tem extraído o luto da esfera pública, tornando as cerimônias cada vez mais íntimas e balizadas pelo autocontrole da expressão emocional (ELIAS, 2001, p. 31). Ao passo em que este rito se torna um momento acessível à participação de qualquer usuário na Internet, tem-se uma nova configuração da expressão do luto e um alargamento de sua visibilidade.

Desta maneira, o velório virtual tanto demonstra a construção de novas formas de sociabilidade proporcionadas pela cibercultura quanto torna perceptível a

reconfiguração de cerimônias tradicionais pelas novas significações dadas ao espaço e ao tempo neste contexto. Falamos aqui de um rito que mantém o preceito do “corpo presente” no caso do falecido, mas que passa a dispensar essa prerrogativa dos seus participantes. Além da ausência de referência física como um fator primordial que caracteriza as práticas sociais da cibercultura, temos no velório virtual a representação da noção de desterritorialização (BENTES PINTO, 2007) construída pelo ciberespaço.

O velório, tradicionalmente, se constitui num gesto de deferência coletiva para com o morto, sendo a reunião em torno do corpo um símbolo de zelo, de vigília, que salvaguarda a alma e assegura e boa partida do falecido. Com este mesmo sentido, as velas iluminam a alma e afastam os maus espíritos (REIS, 1991, p. 132). No ambiente virtual, se soluciona a impossibilidade de realizar a reunião presencial dos participantes através da cerimônia online. O hábito de acender velas, por sua vez, pode ultrapassar o momento do velório, sendo possível encontrar serviços de “altares virtuais”² em que o usuário envia uma mensagem (normalmente uma oração) e acende uma vela com duração de sete dias (contados por um calendário e um relógio que indicam exatamente quando a vela virtual irá se apagar). Considerando que o serviço é disponibilizado por um período ininterrupto, não é difícil encontrar altares virtuais que mantenham velas acesas há alguns anos.

Estas elaborações dos ritos online, ressalte-se, não atenuam a relevância da sociabilidade entre as pessoas ligadas ao falecido, tal como ocorre nos processos de luto das sociedades relacionais, como a brasileira, categorizadas por Roberto DaMatta (1991, p. 149). O que se tem exposto, na verdade, é a reordenação destas práticas frente às modalidades inauguradas pelas novas tecnologias. As sociabilidades construídas no ambiente desterritorializado, desta forma, se aproximam da idéia de “não-lugar” concebida por Marc Augé, cujas referências, embora reformuladas pelos aparatos da modernidade, mantêm relação direta com os sentidos construídos nos “lugares”, no cotidiano dos sujeitos:

A supermodernidade (que procede simultaneamente das três figuras do excesso que são a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências) encontra naturalmente sua expressão completa nos não-lugares. Por estes, ao contrário, transitam palavras e imagens que retomam raiz nos lugares ainda diversos onde os homens tentam construir uma parte de sua vida cotidiana (AUGÉ, 1994, p. 100).

Um segundo exemplo que contempla as manifestações de luto na cibercultura diz respeito às relações mantidas entre enlutados e falecidos. Em alguns sites de empresas que administram cemitérios e/ou serviços funerários, é possível encontrar

sessões de “homenagens aos entes queridos”. Um aspecto interessante destes espaços é que as mensagens, em sua maioria, são dirigidas ao próprio falecido e, não raro, são construídas verbalmente no tempo presente. A transcrição de um trecho pode ilustrar melhor tal situação: “Meu filho: é tudo muito dolorido ainda, quando você me vir chorando, não fique triste, peça a Deus por mim, pra que eu seja capaz de me erguer e de um dia voltar a sorrir, te amo muito meu filho querido da minha alma... Descanse em paz... te amo, te amo, te amo”.³

Para o enlutado, a emissão da mensagem através do ambiente virtual ignora a construção de uma comunicação sem interlocutor, uma vez que se destina a alguém que não está mais vivo. O que parece importar, na verdade, é a manutenção deste vínculo, o que, aliado à expressão formulada no tempo presente, sugere a negação da morte através do prolongamento da existência do falecido. Este vínculo e suas motivações são descritos por DaMatta (1991, p. 151), que observa a sociedade brasileira como relacional por atribuir grande importância às relações sociais. Isto, para o autor, termina se estendendo à relevância que damos em manter uma relação com os mortos, lhes dando características de pessoas que ainda vivem, conversando e trocando favores com os falecidos.

Além das homenagens construídas espontaneamente pelos enlutados, outras formas de relação podem ser observadas no ciberespaço. Nestes casos, a manutenção do vínculo se dá pela permanência do morto no ambiente virtual através de “rastros” lá deixados ainda em vida, que funcionam como uma representação do falecido naquele contexto. Este prolongamento da existência pós-morte no ambiente virtual é bem elaborado por Afonso de Albuquerque (2007, p. 2), que sugere o importante conceito de corporalização do ciberespaço para construir sua reflexão: mais do que a importação de valores e padrões do mundo físico para o ciberespaço, “trata-se de identificar os dispositivos que emprestam de algum modo à experiência do ciberespaço uma dimensão corpórea”.

Esta corporalização a que se refere Albuquerque assume uma dimensão significativa exemplificada através dos perfis elaborados pelos usuários do Orkut, site de relacionamento com ampla receptividade entre os internautas brasileiros⁴. A construção de uma representação de si próprio, descrita a partir de diversos recursos expressivos, permite ao usuário estabelecer fortes laços de sociabilidade que asseguram sua participação, sua presença no Orkut, mesmo quando se está “offline”. Neste caso, quando os perfis permanecem ativos após a morte do usuário, tem-se a situação da presença contínua do morto, o que não permite o esquecimento do fato e torna a elaboração do luto mais embaraçosa:

Em inúmeros aspectos, os mortos orkutianos se parecem muito com os vivos. Suas fotografias frequentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos. Os seus perfis e comunidades indicam uma vida psicológica rica e diversificada: um gosto e uma sensibilidade próprios, sonhos, frustrações e planos para o futuro. As listas de amigos, recados e testemunhais dão ao morto um lugar nas relações sociais. Naturalmente, em todos estes aspectos destaca-se o espectro de uma lacuna: aquela pessoa não existe mais, seus amigos não podem mais contar com ela; seus planos perderam, de súbito, todo o sentido. Os mortos orkutianos permanecem congelados em um eterno presente desprovidos de futuro (ALBUQUERQUE, 2007, p. 5).

Esta permanência do perfil do falecido no ambiente virtual torna obrigatória a sua “convivência” entre os vivos. Este fato, bem próprio das reordenações de sentido construídas na cibercultura, aponta o conflito existente nas re-significações dos ritos de passagem, em especial as manifestações de luto, na Internet. Neste ponto, é válido lembrar que o papel tradicional dos ritos manifesta a necessidade humana de solucionar seus problemas com a desordem provocada pela morte. Os ritos asseguram a partida do morto e com isso mantêm distantes as lembranças que remetem à relação conflituosa entre o homem e a (própria) morte (RODRIGUES, 1983, p. 45).

No caso dos falecidos que se mantêm presentes no ambiente virtual, sua permanência conduz à re-significação da manifestação de luto e colabora para a manutenção da relação entre enlutados e (representações dos) falecidos. O que se observa, então, são mensagens dirigidas ao morto, através do seu perfil orkutiano: “Só vcs mesmo pra me fazerem chorar ainda véi! De onde vem lágrima?...!!! Juro por tudo,... ainda sinto como se fosse receber uma resposta por esta msg! Deus queira que eu receba,... de algum modo,... q vcs estão cuidando de nós! Q SAUDADE”⁵.

As mensagens dedicadas aos falecidos podem, também, assumir características de códigos padronizados como D.E.P. (Descanse em Paz) e R.I.P. (expressão latina: *resquiescat in pace*: descanse em paz). Neste caso, desperta a atenção o estabelecimento de protocolos e rituais que são compartilhados, expressos e compreendidos pelos usuários - o que designa sentido e auxilia na organização e na congregação das comunidades virtuais (BENDES PINTO, 2007, p. 81).

A noção de comunidade remete ao compartilhamento simbólico de interesses desses usuários, que, no caso de indivíduos em estado de luto, sugere uma sociabilidade que se funda na aproximação de um sentimento, de uma experiência em comum. Neste ponto, tomo emprestado o conceito de sociabilidade desenvolvido por Georg Simmel (1983, p. 166), em que os conteúdos - designados pelos impulsos, interesses e estado psíquico de cada sujeito - se tornam fatores de sociação

[...] apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro - formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses.

Desta maneira, considera-se que os conteúdos das relações presentes entre os enlutados são os elementos que os tornam semelhantes, tais como: seu estado psíquico diante da perda, seus impulsos e suas inclinações com relação à morte e a seus mortos, seu interesse em quebrar o isolamento social ao qual foram expostos. Tais conteúdos, portanto, tornam-se sociais a partir da forma (princípio de sociabilidade) estabelecida através da reciprocidade da troca. Assim, o vínculo instituído, o estar “com e para um outro”, ou seja, a relação mantida entre os enlutados, torna-se mais importante que o conteúdo a ser conversado.

É necessário lembrar que a noção de isolamento social e de sofrimento introspectivo dos enlutados remete ao campo da subjetividade, onde vigoram aspectos cognitivo-emocionais, baseados em experiências singulares, em congruência com contextos sociais e culturais a que estão submetidos estes sujeitos. Desta maneira, é preciso manter em perspectiva a observação desta sociabilidade, a partir da troca intersubjetiva dos enlutados sob o ponto de vista da sociologia da emoção, que

[...] não pode ser analisado sem se evocar os seus componentes psicológico e social da relação, onde atores se encontram envolvidos em uma situação intersubjetiva, e discute o processo analítico que evidencie os elementos do envolvimento interno (psicológico) e externo (social) como método capaz de aprofundar e compreender as origens e o processo formativo e de consolidação social de uma emoção específica e do conjunto das emoções. Vistas cada uma em sua unicidade e em sua utilidade para um social e para os indivíduos relacionais nele imersos, como base discursiva de uma sociologia da emoção. [...] não basta estudar a superfície exterior e o lado interior de atores em ação, mas também, e sobretudo, os vínculos que os conectam, para a análise das emoções no social. (KOURY, 2004, p. 66-67, grifos meus)

Alguns recursos, na Internet, são demonstrações claras desta conexão social em torno dos mortos, como é o caso das comunidades orkutianas, blogs ou fotologs, construídos como espaços dedicados aos falecidos. Sendo um espaço de homenagem, sua visibilidade e apoio através da concentração de membros torna-se fator de relevância. Por isso, é comum que o convite à participação, exposto na comunidade ou no próprio perfil orkutiano dos seus moderadores, se estenda inclusive a não

conhecidos do falecido: “Gostaria de pedir a todos que abrirem meu perfil me ajudem a homenagear meu filho _____ entrando na comunidade que criei para ele”⁶.

Nestes ambientes, tomando como exemplo as comunidades orkutianas, observa-se uma primeira distinção entre as manifestações dos enlutados “de fato” pela perda da pessoa homenageada, e dos usuários que prestam condolências sem conhecer o falecido ou a família. Neste segundo caso, diferenciam-se ainda os que se manifestam por compartilhar a experiência e o sentimento (pelo luto de outro falecido), daqueles que não se configuram como enlutados, mas que também exprimem seu pesar.

Quando existe uma similaridade de interesses e experiências, é possível perceber, entre os usuários do Orkut em estado de luto, uma aproximação que sugere um vínculo, a partir de uma possível troca intersubjetiva: “Oi amiga...eu tbm tenho um anjinho no céu, assim como vc... Não consegui te add, tenta vc me add para conversarmos e podermos passar força uma para a outra... Que Deus nos abençoe. Bjs”⁷. Desta forma, percebe-se no ciberespaço a formação de um tipo de vínculo que assegura para estes sujeitos a possibilidade de externar suas angústias provocadas pelo estar enlutado. Possibilidade esta que pode ser notada como interesse, e, também, como projeções subjetivas dos atores que investem na manutenção desta sociabilidade.

É interessante observar, neste contexto, que o papel da sociabilidade, do estabelecimento de vínculos entre sujeitos enlutados nas redes sociais, se aproxima da reflexão de Cogo e Brignol (2010, p. 06). “As redes manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar um modo de participação social cuja dinâmica conduza ou não a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações”.

A partir da idéia de que existe na Internet uma busca intensa pela conexão social, é prudente observar o quanto as relações online mantêm em sua essência valores que fundam os papéis e as relações sociais estabelecidas nos ambientes fora da rede. Assim, ao considerar as aproximações entre ambas, percebe-se que no ciberespaço, tal como nos outros ambientes socioculturais, são mantidas as teatralizações do cotidiano, os conflitos e as contradições da existência do sujeito perante o coletivo (LEMOS, 2003).

Desta maneira, a idéia de laços sociais mantidos, valores compartilhados e linguagem comum como traços próprios do reconhecimento das comunidades virtuais, estimula a observação das manifestações de luto e comportamento dos usuários perante os pares, na cibercultura. No caso dos enlutados, é comum que demonstrem sua tristeza a partir da reconfiguração dos seus próprios perfis orkutianos. O estado de

luto fica evidenciado pelas mudanças de sobrenome (ex. João LUTO), inclusão de mensagens e fotos dedicadas aos falecidos.

Se considerarmos que a partir da corporalização do ciberespaço o sujeito enlutado também elabora em seu perfil orkutiano uma representação de si, é compreensível a transformação desta exposição online em auto-expressão do sentimento de luto. Neste sentido, o interdito social sofrido pelo enlutado nos ambientes socioculturais do cotidiano torna incoerente a manutenção de um perfil online que não manifeste a dor, ou ainda, que permaneça inalterado com imagens e mensagens idealizadas que remetem a momentos de alegria.

A alteração do perfil do enlutado no Orkut, assim, significa a própria representação do seu estado - um recurso que expressa seu sentimento ao grupo, através de códigos que são compreendidos pelos usuários que compartilham aquele espaço. Esta conexão a partir de expressões individuais que alcançam significação coletiva lembra a construção de Marcel Mauss (1950, p. 147-153) sobre a expressão obrigatória dos sentimentos:

Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação. [...] um considerável número de expressões orais de sentimentos e emoções [...] têm unicamente caráter coletivo. Digamos logo que este caráter não prejudica em nada a intensidade dos sentimentos, muito pelo contrário. [...] Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica.

Interessa observar que esta situação refletida como expressão obrigatória dos sentimentos se restringe aos usuários que alteram seu perfil pela “perda efetiva” de alguém próximo. No entanto, entre as formas de reelaboração das significações do luto presentes no Orkut, existem ainda usuários que reconfiguram suas identidades orkutianas para comunicar um luto por mortes de ídolos, mortes polêmicas ou amplamente difundidas pela mídia, ou ainda declaram luto por motivos não mortuários, como a perda de um campeonato esportivo.

Mantendo a observação sobre lutos de significação essencialmente mortuária, percebe-se esta manifestação de pesar pelo falecimento de desconhecidos do usuário como algo muito difundido no Orkut. A expressão de condolências no ambiente virtual

encontra forte representação nas comunidades de homenagens a vítimas cujas mortes são largamente divulgadas como notícia pelos meios de comunicação, ou no caso de falecidos que têm reconhecimento público. Como exemplo, a menina Isabella de Oliveira Nardoni, cuja morte, em março de 2008, foi amplamente noticiada pelo fato de seu pai e sua madrasta serem apontados como principais suspeitos - sendo posteriormente condenados pelo crime, tem mais de 1000 comunidades em sua memória no Orkut. Tratam-se, portanto, de “mortes midiáticas”, cuja encenação viabilizada pela mídia torna possível a comoção pública (BARBOSA, 2004, p. 13).

No caso de expressões de luto dirigidas a falecidos desconhecidos, cujos perfis orkutianos permanecem após sua morte, é comum que as mensagens enviadas pelos usuários que não os conheciam em vida se restrinjam aos códigos padrões circulantes na Internet (D.E.P. e R.I.P.). O uso de expressões fragmentadas, superficiais, no entanto, não é exclusivo da cibercultura. São manifestações próprias do processo de individualização da dor, que baliza as expressões de luto nos ambientes socioculturais existentes fora da rede. Nestes contextos, as relações sociais mantidas nos ritos de despedida, incluindo o luto, tornam-se constrangidas pela falta de noção daquilo que pode/deve ser dito, tornando as expressões de sentimentos minimizadas e as condolências “padronizadas”, como esclarece Elias (2002, p. 32):

A convenção social fornece às pessoas umas poucas expressões estereotipadas ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas emocionais de tal situação. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porém, mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas.

O uso de tais condolências, embora em largo uso no ambiente virtual, já demonstra este desgaste de que trata Elias, provocado pela evidente superficialidade das condolências manifestadas por quem não está inserido naquele processo de luto. Uma comunidade intitulada “Não ao RIP e DEP nos perfis”⁸ foi fundada com o propósito de banir o uso destas mensagens. Sua descrição esclarece o exemplo proposto:

aê galera..... essa comu eh p/ todos aqueles q acham um absurdo essa turma de gente de má fé ou má informada q fica colocando RIP e DEP nos perfis de pessoas falecidas....

queremos explicar q essas devem ser siglas internas da PGM.... não conhecemos a 'vítima', e esse é um momento de dor, tristeza para sua família e amigos, e não é legal vc chegar e sentir mais dor ainda pq um 'santo' resolveu colocar RIP e DEP lá....

então, formaremos um 'batalhão' anti-RIP/DEP na pgm....

A transcrição acima faz referência à mais popular comunidade orkutiana dedicada a observação dos “rastros” deixados pelos usuários do Orkut falecidos, a Profile de Gente Morta (PGM), que em 29/08/2010 contava 75.443 membros. Em essência, a PGM destina-se a troca de informações e comentários sobre os perfis dos falecidos e suposições sobre as circunstâncias da morte, opiniões sobre o possível caráter do morto e fatos de sua vida “real” que possam se revelar a partir da sua página pessoal. Para Afonso de Albuquerque (2007, p. 8) esta busca pela essência da vida real do falecido é a grande motivação de comunidades como esta:

Para os membros dessas comunidades, o Orkut parece ser, simultaneamente, um espaço de ocultação e de revelação acerca das verdades do mundo real, e a morte se apresenta como uma oportunidade ímpar para conhecer aspectos autênticos dos bastidores da vida dos usuários, que se escondem por detrás da fachada representada pela persona orkutiana (GOFFMAN, 1985). Morto, o usuário não poderia mais conduzir o espetáculo da sua auto-apresentação, e seria finalmente exposto nos seus traços mais íntimos e fundamentais. É, pois, uma busca pela autenticidade da vida “real”, por detrás das pistas deixadas no mundo “virtual” que move boa parte dos frequentadores dessas comunidades.

O que desperta a atenção, além de todo o conteúdo debatido nestas comunidades e seus modos de organização e funcionamento, é a participação expressiva de membros cujos perfis são criados com propósitos “voyerísticos” que se asseguram pelo anonimato da identidade ‘real’ dos usuários: os chamados “fakes”. O uso deste artifício revela a intenção de não ter o seu perfil “oficial”, ou sua identidade “real”, associados a comentários ou interesses sobre a morte alheia perante os demais usuários do ambiente virtual. Este aspecto é bem importante, pois revela uma situação contraditória em que existe o interesse (devidamente expresso pela quantidade de membros inscritos), mas junto a ele a manutenção de normas sociais que tornam vigente o tabu da morte, como assunto delicado, objeto de interdição, sobre o qual não se fala (ARIÉS, 2003, p. 84).

O anonimato, através dos “fakes”, é um dos recursos que fundamentam as práticas sociais inauguradas pelas novas tecnologias da comunicação. Importa perceber, contudo, que o seu uso não deve ser associado de forma simplista a interesses mórbidos ou sensacionalistas. Uma consideração neste sentido seria proveniente dos próprios preceitos morais, sociais e culturais que sustentam a morte enquanto tabu na sociedade ocidental. Seria recomendável, portanto, procurar observar este uso como

uma possibilidade, proporcionada pela cibercultura, de refletir acerca da relação conflituosa que se estabelece entre homem e morte.

O que fica evidente, nas mais diversas formas de manifestação do luto ou reflexões sobre a morte contidas no ciberespaço (e este ensaio percorre apenas uma pequena parte deste caminho), é que novas sensibilidades, novas formas de abordar o tema e de expressar as angústias provocadas pela finitude estão sendo construídas na cibercultura. Não é possível definir o quanto estas manifestações podem significar reforços, remodelações ou mesmo modificações no estado de interdito que sustenta a morte nos bastidores da vida social na nossa cultura. Aliás, tendo em vista se tratar de uma relação tensa e contraditória, não é de espantar que as construções simbólicas sobre a morte evidenciadas na cibercultura também estejam imbuídas destes conflitos. Afinal, se a cibercultura é essencialmente humana, seus aparatos e seus conteúdos “inevitavelmente carregam dentro de si nossas contradições e paradoxos” (SANTAELLA, 2003, p. 30).

**VIRTUAL EXPRESSIONS OF PAIN:
notes on the expressions of mourning on the Internet**

ABSTRACT

The text reflects on mourning representations in cyberculture and seeks to understand how Internet specificities as a communicational environment collaborate with cultural and social (re)meanings of death. The analysis is divided among manifestations that reveal a close relation between bereaved and deceased, and demonstrations of mourning for the deaths of unknown people. In conclusion, it suggests the observation of the mutual interference between the cultural signs of death circulating on the Internet and those produced elsewhere.

Keywords: Mourning. Cyberculture. Communication.

**EXPRESIONES VIRTUALES DEL DOLOR:
notas sobre las manifestaciones de luto en la Internet**

RESUMEN

El texto reflexiona sobre representaciones de luto en el ciberespacio y trata de comprender como las especificidades de la Internet como un ambiente de comunicación colaboran con los (re)significados culturales y sociales de la muerte. Las análisis se dividen entre manifestaciones que revelan una estrecha relación entre el doliente y el fallecido, y las manifestaciones de duelo por la muerte de desconocidos. En conclusión, sugiere la observación de la interferencia mutua entre los signos culturales de la muerte que circulan por Internet y los procedentes del exterior.

Palabras claves: Luto. Cibercultura. Comunicación.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Afonso de. **Viver e morrer no orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço**. In: *Texto*, Porto Alegre, edição 17, dezembro, 2007. Disponível em <http://www.intexto.ufrgs.br/>. Data do acesso: 12/06/2008.
- ARIÈS, Philippe. _____. **A história da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/Compós, 13. São Bernardo do Campo, 2004.
- BENTES PINTO, Virginia; BEZERRA, Fabiola; SILVA NETO; COSTA; CYSNE. **"Netnografia": uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço**. In: Anais do 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Lisboa : APBAD, 2007. p. 79-95. Disponível em [http:// badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM90.pdf](http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM90.pdf). Data do acesso: 28.01.2008.
- COGO, Denise; BRIGNOL, L. D. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. In: XIX Encontro Anual da Compós- Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010, Rio de Janeiro. XIX Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. v. 1. p. 1-15
- DAMATTA, Roberto. **Morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro**. In: _____. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. p. 143-169.
- ELIAS, Norbert. _____. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. **A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 10, nº 21, pp. 97-121, jan-jun, 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à Sociologia da Emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.
- LEMOS, André. **Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época**. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003. pp 11-23.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1950.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 22, pp 23-32, dezembro, 2003.
- SIMMEL, Georg. **Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: sociologia*. Trad. Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181 (Grandes cientistas sociais; 34).

¹ Empresa que gerencia funerárias, centros de velório, cemitérios e planos de assistência familiar nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba -http://www.grupovila.com.br/velorio_virtual/

²Exemplo de altar virtual disponível em: <http://www.altardosanjos.com.br/altarvirtual/altar.php?id=4553>. Data do Acesso: 30/06/2008.

³ Mensagem enviada em 30/06/2008, às 12h24min.

Disponível em <http://www.grupovila.com.br/homenagens/> Data do acesso: 01/07/2008.

⁴ Cerca de 70% dos usuários mundiais do Orkut são brasileiros (ALBUQUERQUE, 2007).

⁵ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Scrapbook.aspx?uid=7884127701080331813>. Data do acesso em 01/07/2008.

⁶ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=10397969099013999567>. Data do acesso: 30/06/2008.

⁷ Disponível em <http://www.orkut.com/community.aspx?cmm=8027350>. Data do acesso: 30/06/2008.

⁸ Disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18262920>. Data do acesso em 30/06/2008.